

ROZÉLIA MARIA DO NASCIMENTO

**A INSERÇÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS: O CONTO E A PARÁBOLA
NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura em Ciências da Religião.

Aprovada em 11/07/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Araceli Sobreira Benevides – Orientadora
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Profa. Ms. Maria Augusta de Souza Torres – Convidada
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Profa. Ms Sunamita Araújo Pereira Damasceno – Convidada
Secretaria Municipal de Educação – SME

NATAL – RN

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

N244i Nascimento, Rozélia Maria do
A INSERÇÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS: O
CONTO E A PARÁBOLA NAS AULAS DE ENSINO
RELIGIOSO. / Rozélia Maria do Nascimento. - Natal, RN,
2018.
20p.

Orientador(a): Profa. Dra. Araceli Sobreira Benevides.
Monografia (Graduação em Ciências da Religião).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Ensino Religioso Não-Confessional.. 2. A leitura de
Gêneros literários no Ensino Religioso.. 3. Literatura e
Religião.. 4. Parábola e Conto.. I. Benevides, Araceli
Sobreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

A INSERÇÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS: O CONTO E A PARÁBOLA NAS AULAS DE ENSINO RELIGIOSO

Rozélia Maria do Nascimento 1

Araceli Sobreira Benevides 2

RESUMO: O presente artigo, intitulado *A inserção dos gêneros literários: o conto e a parábola nas aulas de Ensino Religioso* têm como objeto de pesquisa os gêneros literários, com base nestes nos propomos ao *objetivo geral* apresentar a mediação da literatura em aulas de Ensino Religioso no modelo não confessional. De modo mais específico, identificar as características e conceito de ambos os gêneros, refletir sobre as possibilidades da aplicação da leitura literária em sala de aula. A pesquisa está embasada principalmente em autores como Cosson (2014); Góes (2010) para desenvolvermos o conceito e características da literatura e letramento literário; Torres (2012) abordamos a questão do Ensino Religioso – ER e literatura; Schlogl (2009) para tornar compreensível alguns pressupostos do Ensino Religioso, Busatto (2003) para explicar o gênero conto; e os estudos de Sant'Anna (2010) e Pereira (2011) para esclarecermos as características do gênero parábola; e para o percurso metodológico, utilizamos Bakhtin (2003). Os resultados deste expressam a importância de trabalhar a literatura em sala de aula, a partir do momento que definimos o gênero conto e a parábola no plano discursivo de aulas de Ensino Religioso. Portanto, a partir da compreensão e reflexão de que a literatura e a inserção dos gêneros literários ampliam a construção do conhecimento, assim como ajudará o aluno com habilidades de leitura e escrita.

Palavras-chave: Ensino Religioso Não-Confessional. A leitura de Gêneros literários no Ensino Religioso. Literatura e Religião. Parábola e Conto.

ABSTRACT: This article, entitled *The insertion of literary genres: the tale and the parable in the classes of Religious Education* have as object of research the literary genres, based on these we propose the general objective to present the mediation of literature in classes of Religious Education in the non-denominational model. More specifically, to identify the characteristics and concept of both genders, reflect on the possibilities of the application of literary reading in the classroom. The research is based mainly on authors like Cosson (2014); Góes (2010) to develop the concept and characteristics of literature and literary literacy; Torres (2012) addresses the issue of Religious Education - ER and literature; Schlogl (2009) to make understandable some assumptions of Religious Teaching, Busatto (2003) to explain the genre tale; and the studies of Sant'Anna (2010) and Pereira (2011) to clarify the characteristics of the parable gender; and for the methodological course, we use Bakhtin (2003). The results of this study express the importance of working the literature in the classroom, from the moment we

1 Graduada em Ciências da Religião. UERN/Campus de Natal-RN. E-mail: rozeliapibid@gmail.com

2 Doutorado em Educação e Mestrado em Estudos da Linguagem pela UFRN; Especialista em Alfabetização, em Leitura e Produção Textual; Graduação em Letras pela UFC. Docente do Curso de Ciências da Religião. E-mail: aracelisobreira@yahoo.com.br

define the genre tale and the parable in the discursive plan of Religious Education classes. Therefore, from the understanding and reflection that literature and the insertion of literary genres expand the construction of knowledge, as well as help the student with reading and writing skills.

Keywords: Non-denominational Religious Education. The reading of Literary genres in Religious Education. Literature and Religion. Parable and Story.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo intitulado *A inserção dos gêneros literários: o conto e a parábola nas aulas de Ensino Religioso* têm como *objetivo geral* apresentar a mediação da literatura em aulas de Ensino Religioso no modelo não confessional. De modo mais específico, identificar as características e conceito de ambos os gêneros, refletir sobre as possibilidades da aplicação da leitura literária em sala de aula.

Os gêneros literários *conto e parábola* evidenciam a possibilidade de um diálogo plural, que atende em seu conteúdo, valores humanos, os quais são da realidade vivenciada pelo aluno na escola e na sociedade, diante do respeito ao diferente.

Dessa forma, temos a leitura literária nas aulas de Ensino Religioso como uma forma de oportunizar uma interação dialógica entre o conhecimento didático e metodológico dos conteúdos da disciplina e do profissional da mesma, e como diz Morin (2011), todo conhecimento, para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto.

Os professores de Ensino Religioso quanto ao seu ensino nas escolas públicas, utilizava-se de práticas pedagógicas de modo confessional, aonde direcionavam os conteúdos para uma única crença/religião. Atualmente havendo mudanças nesse campo de conhecimento, têm-se trazido novas ações pedagógicas para a sala de aula, apresentando um Ensino Religioso não confessional.

Desta maneira, as práticas realizadas são baseadas no respeito ao diferente, já apresentando aos alunos de Ensino Fundamental, bem como histórias de povos e culturas diferentes, cultivando os valores uns aos outros.

Nesse sentido, de que houve mudanças nas prerrogativas do Ensino Religioso temos, hoje, um ensino que justifica um diálogo constante das transformações necessárias a serem levadas para a sala de aula, cujo ensino dá significação para

avanços e transformações no ensino-aprendizagem, dialogando uma identidade cultural, assinalada pela riqueza de mitos, ritos e manifestações culturais, tanto no plano da formação docente, quanto do ensino-aprendizagem no ambiente escolar.

Tendo compreendido essa fase de mudança na disciplina de Ensino Religioso e considerando pertinente a construção de conhecimentos para práticas pedagógicas, a fim de tornar as aulas mais construtivas e dinâmicas, o Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID/UERN, o qual fizemos parte é a realização formadora de adotarmos a temática da inserção dos gêneros literários nas aulas de Ensino Religioso.

Assim, pela participação no programa nos foi incentivado a refletir e a (re) construir os tipos de ações que desejamos proporcionar aos alunos, pela qual criemos possibilidades de leitura e escrita. Buscamos a partir da escolha de um determinado texto literário, adaptar e construir materiais pedagógicos para a disciplina, gerando sempre um produto final, como jogos, livros/revistas criadas pelo aluno; tornando o educando o protagonista da reflexão e prática realizada em sala de aula, mediado pelo professor através da metodologia utilizada, tendo o enfoque neste momento no letramento literário.

Em vista do possível diálogo interdisciplinar entre os gêneros literários, e da possibilidade de inseri-los nas aulas de Ensino Religioso, refletimos sobre ações pedagógicas para as aulas, baseadas no seguinte questionamento: *Que papel terá a literatura nas aulas de Ensino Religioso?*

Observamos à importância de trabalhar a literatura na sala de aula, através do letramento literário, levando em consideração o incentivo pela leitura e habilidades de escrita, assim como, a construção de materiais didáticos pedagógicos para o Ensino Religioso.

Por esse mesmo motivo, sentimo-nos instigados a produzir uma pesquisa que apresentasse para esse público – de docentes e futuros docentes da área – um caminho de compreensões do texto literário, através de um olhar mais detalhado para a leitura de contos e parábolas.

2 LITERATURA NAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Neste item são apresentadas algumas informações básicas sobre como é entendida a literatura nas Ciências da Religião, objetivando auxiliar o docente já formado, ou aluno ainda em processo de formação ao escolher construir suas ações pedagógicas através da inserção dos gêneros literários em aulas de Ensino Religioso.

Em primeiro posicionamento, teremos duas importantes informações: uma na qual damos devida importância na formação docente do profissional em Ensino Religioso- ER; em segundo aos fundamentos, os quais são abordados na referida disciplina.

Benevides (2015) ressalta que o docente graduado/licenciado nessa área necessita obter uma formação teórico-prática consolidada, constituída por uma multiplicidade de saberes, que atendam à diversidade do cotidiano da sala de aula do ER.

Dessa forma, é sugestivo que ao docente não cabe apenas os conhecimentos básicos sobre os conteúdos a serem ministrados, mas o aprofundamento diante da construção do conhecimento, principalmente do aluno. Por isso, a literatura pode ser instigante na elaboração das aulas, levando em consideração o que Morin (2011) propõe, na educação trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência.

Já, os fundamentos epistemológicos e estudos enfatizados na grade curricular do Ensino Religioso, segundo Pozzer; Palheta; Piovezana; Holmes (2015) baseiam-se no ato de “[...] socializar, produzir e problematizar conhecimentos religiosos e não religiosos na construção de identidades individuais e coletivas”.

Ao estudar Literatura nas *Ciências da Religião*, trazemos abordagens feitas por Torres (2012), pois para ela a literatura faz das palavras uma câmera que capta os paradoxos humanos, razão, prosa/poesia, e coloca-os como uma fotografia pela qual se pode mirar a própria humanidade.

Segundo Góes (2010) a determinação de cada forma literária dependerá de três fatores essenciais e pela qual devemos adotar ao trabalhar literatura:

I - A natureza da linguagem em que está escrita;

- II - A estrutura do seu contexto verbal;
- III - A faceta da realidade escolhida pelo escritor.

De acordo com Schlogl (2009), as Ciências da Religião como área que se caracteriza pela sua pluralidade interna têm a capacidade e a riqueza material relevante para ajudar no intercâmbio entre a Literatura e as manifestações religiosas do texto literário, a fim de contribuir com uma educação que possibilite a religação do homem com sua dimensão transcendente.

E por esse motivo concordamos com Schlogl (2009) quando diz que é no diálogo que se estabelece a possibilidade da democratização da função social e cultural da escola. Para ele essa é uma forma de garantir aos educandos a possibilidade de estabelecer esse diálogo.

Assim é possível dialogar com o diferente, no qual se constrói o processo de conhecimento e vinculação afetiva para o estabelecimento de uma cultura da paz. Pelo diálogo, é possível ao docente estabelecer/criar laços entre a literatura e o Ensino Religioso, sendo possível apresentar os alunos os valores encontrados nos textos literários, seja ele, conto, parábola ou entre outros gêneros. Assim;

O sentimento estético da criança se encontrará com o texto literário a partir do momento em que se sentir atraída pela leitura realizada e pela imaginação oportunizada por meio das orientações do/a professor (a); pois a obra literária dá uma grande contribuição a todas as áreas de conhecimento, devendo ser aproveitado todo o seu potencial na construção do conhecimento (SCHLOGL, 2009,).

Em geral, e de acordo com Schlogl, é possível estabelecer um diálogo entre Ciências da Religião e Literatura, objetivando apresentar alternativas de parâmetros que ajudem a dinâmica do ER em sua prática pedagógica.

Parafraseando Schogl, tratar a literatura no âmbito do Ensino Religioso é propiciar o desenvolvimento da imaginação criadora, onde a reflexão sobre o indivíduo, a sociedade e a emergência do prazer estético, geram atributos imprescindíveis aos homens, que buscam a transcendência.

As buscas dessas aprendizagens enfatizam um processo de formação leitora para em seguida, o entendimento dos gêneros literários como recursos de um

movimento contínuo de leitura, como afirma Cosson (2014), partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno. Ainda assim, a literatura encanta e desencanta, traz aspectos da realidade e da ficção.

Segundo Cosson (2014) a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos:

[...] todo estudante é um leitor, antes de ser iniciado ao ensino da literatura: “formá-lo”, portanto, significa antes de tudo: dar condições para ele descobrir que sua convivência com o texto e a escrita antecede sua relação com uma instituição reconhecida e legitimada pela sociedade a que chamamos literatura. (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 52).

Com isso, as questões voltadas para as Ciências da Religião vinculam-se com elementos de um Ensino Religioso e/ou capaz de estimular um diálogo interdisciplinar com áreas afins na sala de aula. Mesmo que as medidas aconteçam de forma lenta e gradual, descobrimos que a literatura aparece como uma complexidade de ensino-aprendizagem para a formação do sujeito independente de disciplina a ser trabalhada; a literatura aproxima a produção do conhecimento, assim como a finitude do humano na busca do *Ethos*. Nesse sentido;

Compete ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa tarefa depende de se conceber a leitura não como o resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário. A literatura se associa então à leitura, do que advém a validade dessa (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 47).

Por *Ethos*, entende-se a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser, ou seja, os valores, as expressões da consciência surgem como resposta do próprio eu/sujeito. Temos que,

É possível estabelecer um diálogo entre Ciências da Religião e Literatura, objetivando apresentar alternativas de parâmetros que ajudem a dinâmica do ensino religioso em sua prática pedagógica,

considerando a emergência das transformações sociais e o imaginário religioso presente nas narrativas literárias. (TORRES, 2012, p. 71).

Já para Souza (2015), é necessário que os conteúdos compartilhados por professores e alunos tenham relevância para a vida de cada um e sirvam para repensar as problemáticas da sociedade. Logo, acreditamos que preservar a essência do texto literário é válido, mas também dar um novo olhar, o torna mais atraente. Em vista disso, buscamos no letramento literário a inserção dos gêneros literários nas aulas de ER para despertar habilidades de leitura e também de escrita com olhares para a sociedade.

Diante disso, o conjunto de circunstâncias (formação e prática) levou-nos a afirmar conforme a Base Nacional Comum Curricular – Ensino Religioso/ BNCC – o Ensino Religioso busca construir, por meio do estudo dos conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades.

Ainda assim, trata-se de um espaço aonde as aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, assim como também os direitos humanos e cultura da paz.

Torna-se um trabalho prazeroso, desde que a leitura literária possa ser a ponte entre o eu e o homem, compreendendo o lado sensível e no qual possa uní-lo ao lado racional, permitindo assim, uma visão mais integradora da condição humana, incluindo-se a dimensão religiosa.

Portanto, a literatura é uma linguagem carregada de significado. Como ressalta Ezra Pound (*apud* Góes, 2010), grande literatura é simplesmente linguagem, carregada de significado até o máximo grau possível.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO – A PESQUISA

O caminhar metodológico foi dividido em dois momentos principais: o teórico - bibliográfico e a análise dos gêneros literários.

Para isso, a metodologia usada neste artigo é a qualitativa (MOITA LOPES, 2002), escolhemos a qualitativa, uma vez que auxilia na fundamentação da nossa base de pesquisa, a inserção dos gêneros literários nas aulas de Ensino Religioso e possíveis contribuições na formação do sujeito.

Para tanto, nos baseamos também em um teórico que explica a importância das Ciências humanas e na qual consideramos importante para a construção deste trabalho, uma vez inseridos na área como visão de professor pesquisador dentro das Ciências Humanas. O teórico russo, Mikhail Bakhtin (2010) destaca que o objeto das Ciências Humanas precisa:

Entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2010, p. 23).

Para o teórico, o pesquisador precisa *mergulhar* na visão do outro para que possa compreendê-lo, perceber quais fatores sociais influenciaram na visão de mundo que o pesquisado esteve incluído, não podendo ficar inerte diante ao seu sujeito de pesquisa. Ainda, ressalta que a construção de todo sujeito acontece por meio da relação com o outro, mas cada indivíduo é único e tem uma visão diferente dos outros diante a realidade, ou seja, existe uma relação dialógica (eu-tu) que faz o pesquisador estar em constante diálogo consigo mesmo e com o outro/diferente (objeto).

Ao escolhermos apresentar a mediação da literatura nas aulas de Ensino Religioso, com a inserção dos gêneros literários, o *conto* e a *parábola*, esta foi realizada através de uma vivência pedagógica na sala de aula de Ensino Fundamental, quando ainda bolsista/participante PIBID, acompanhando o professor Francisco de Assis Lopes.

Ao escolher os gêneros literários, acreditamos que se propõem a dialogar sobre os aspectos positivos de comparação e semelhança encontrada nestes.

Portanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica em livros científicos para fundamentar os conceitos e características de ambos os gêneros.

Dessa forma, apesar de suas diferenças existentes enquanto gêneros textuais, o conto e a parábola apresentam em comum a sua natureza literária, para que esta seja lembrada no ensino-aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental, não desvalorizando suas características, mais as apresentando com o valor simbólico da cultura, no qual remete a diversidade e a compreensão ao diferente.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS – O CONTO E A PARÁBOLA

4.1 O conto e suas características;

É fundamental ressaltar, que as aulas com leitura dos contos populares é uma das maneiras no qual encontramos de incentivar os alunos a se envolverem nas aulas de Ensino Religioso, pois há uma participação e interação da leitura com escrita, aonde livremente vão demonstrando seus desempenhos e observações pertinentes aos valores.

Desta maneira, a hibridez na composição do conto chama a atenção, pois o torna único, e pode revelar talvez a história de vida. Assim como sua riqueza de matrizes culturais e a diversidade de temas que inspiram a imaginação e a criação de novas histórias – ou de novas versões para uma mesma história.

Além disso, são histórias que ouvimos contar. Misturam personagens, enredos, mitos, épocas e lugares diferentes e, a cada nova entoação, são enriquecidas de detalhes de invenção e imaginação do contador.

O contexto da pesquisa sobre os contos perpassa, inicialmente, por Góes (2010), a qual aborda a importância da literatura para crianças e jovens. A autora esclarece que seu surgimento é proveniente do *mito*, além do mais, destaca a importância do conto na formação de leitores. Os contos, não aparecem apenas enquanto imaginação, mas também trazem a realidade dos acontecimentos, os quais não se apagaram no tempo, pelo contrário foram conservados e precisam ser resgatados nas escolas como também os valores.

O processo se fez simplesmente assim: da palavra viva e animada surgiu o mito, e deste nasceu o conto. Problemas como de riqueza, trabalho, poder estão na base de todos os contos. Isso demonstra que essas histórias não são apenas criações da imaginação, mas nasceram de acontecimentos reais que o povo recolheu e guardou e que mais tarde formaram na base, a moral das sociedades. Nos contos já se percebe a necessidade que o homem sente de subjugar seus semelhantes. A criação popular não é uma atividade estética gratuita, mas sim uma atividade útil, necessária à conservação e andamento de organização social (GÓES, 2010, p. 101).

À luz do que aponta Luiz e Ferro (2011), trazem uma concepção clara das narrativas curtas e explicam o fundamento de utilizá-las na sala de aula; temos como conceito do conto tradicional, para explicá-lo ele distingue-se de três momentos.

Os contos abarcam uma estrutura que encerra, basicamente, três momentos distintos: a introdução, inserindo o leitor no universo a ser relatado, tecendo-lhe as particularidades do espaço em que desenvolve a ação e apresentando-lhe, paulatinamente, as figuras (personagens) que transitarão pelo mundo aqui edificado; o conflito, que implicaria o surgimento de um problema, um impasse ou um drama que desencadeará todas as peripécias e infortúnios necessários para o encaminhamento da trama; e o clímax, que se institui como ensejo mais impactante da obra, em que a protagonista se vê encurralada e o leitor, igualmente afoito, adere ao jogo proposto pelo texto (LUIZ; FERRO, 2011, p. 124).

O conto envolve uma relação à aprendizagem da literatura oral, resgatando e buscando ligações com os saberes da linguagem, contemplando o processo de letramento literário, não apenas em sua leitura/ contação, mas também na sua estruturação.

Existe no conto o seu valor literário, assim como, qualidades estilísticas, pois este apresenta uma narrativa econômica, porém rica em imagens nítidas. Temos também a definição de Coelho (2003), quando ela diz que o conto é como um registro de um momento significativo na vida da personagem.

Afinal, também nos contos encontramos as funções comuns apresentadas nas suas estruturas, o que Coelho (2003), descreve-as baseada na obra de Propp:

- *uma situação de crise ou mudança*: toda e fabulação dos contos maravilhosos tem como motivo desencadeante uma situação de desequilíbrio da normalidade, a qual se transforma em desafio para o herói;
- *aspiração, desígnio ou obediência*: o desafio é aceito pelo herói como ideal, aspiração ou desígnio para ser alcançado;
- *viagem*: a condição primeira para a realização desse desígnio é sair de casa: o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não familiar;
- *desafio ou obstáculo*: há sempre um desafio à realização pretendida, ou surgem obstáculos aparentemente insuperáveis que se opõem à ação do herói;
- *mediação*: surgem sempre um mediador, entre o herói e o objetivo que está difícil a ser alcançado, isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural, que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer;
- *conquista*: finalmente o herói vence ou conquista o objetivo almejado (via de regra, casa-se com a princesa). (COELHO, 2003, p. 113).

Em virtude disso, é importante buscar quais as funções e o porquê de escolhermos o gênero em questão, reconhecendo a amplitude de possíveis aprendizagens a serem construídas, além de que, trazem elementos tantos do real como do imaginário.

4.2 A parábola e suas características;

A princípio, a parábola vem do grego parabolê, a qual significa ‘lançar paralelamente’. Para Snodgrass (*apud* SILVA, 2008, p. 12.), “as parábolas são vinhetas atraentes, às vezes, até exageradas, que procuram transmitir uma mensagem”.

Para Sant’Anna (2010), estudioso contemporâneo, o qual realiza um trabalho sobre as parábolas e afirma ainda serem poucos os trabalhos na área; a *parábola* no pensamento Aristotélico justifica que o exemplo assemelha-se à indução e a indução é um princípio de raciocínio.

Comungamos com os escritos de Sant’ Anna (2010, p. 27), o qual finaliza seu pensamento sobre o conceito de parábola, na retórica grega, pressupondo-o como:

[...] desenvolvimento de um raciocínio mediante ilustrações o mais das vezes inventadas, que podem, inclusive, assumir um caráter irônico a fim de estabelecer uma argumentação que, por sua vez, visa à

persuasão a favor de um determinado ponto de vista sobre temas muito variados.

Além da retórica grega, há a retórica latina e a clássica, cada uma de maneira diferente: As duas primeiras estão enquadradas como uma forma de exemplo ao lado das fábulas; já na retórica clássica, a parábola constitui definitivamente a instalação de um processo comparativo, expresso por ilustrações que não chegam a configurar uma narrativa, e que tem a finalidade comprovadamente persuasiva, no interior de um discurso.

Através das parábolas é possível retratar a vida diária despertando uma reflexão ativa, onde o ouvinte será atraído, podendo ser apoio pedagógico nas aulas de ER, visto a possibilidade de a parábola bíblica ser um dos tipos de textos narrativos que podem ser explorados didaticamente nas aulas. Para tanto, auxilia na prática de leitura, conforme orienta Zilberman e Silva (2008, p. 10),

Acreditamos que o trabalho com a leitura e interpretação de parábolas é um rico recurso que pode ser percorrido no caminho da docência, como um apoio pedagógico nas aulas de ER, no momento em que o/a professor/a estiver trabalhando os valores (amor, perdão, gratidão e solidariedade) – tendo sempre em vista que esses são universais e não restritos a um a religião.

Além disso, as parábolas são narrativas curtas as quais apresentam vários ensinamentos/valores que correspondem à ética, e por outro lado, trazem-nos questionamentos reflexivos.

Magne (1935 *apud* Sant'Anna, 2010) descreve a parábola como curta narrativa alegórica com inclinação moral. Para a autora o que diferencia a parábola de um conto é sua pequena extensão. (PEREIRA, 2011). Já em outro posicionamento a parábola é:

[...] uma narrativa curta de sentido alegórico e moral. Nas parábolas não entram animais, essencialmente falando, como nas fábulas, nem os seres inanimados, como nos apólogos. Entram apenas acidentalmente, pois a medida direta da parábola é o homem e sua

destinação transcendente. [...] nas parábolas os ensinamentos procuram ser mais profundos e menos pragmáticos como nas duas outras espécies alegóricas. (TAVARES, 1978, *apud* SANT'ANNA, 2010, p. 140).

Segundo Pereira (2011) as parábolas bíblicas são histórias que foram contadas por Jesus Cristo aos seus seguidores, sempre com a finalidade de lhes trazer algum ensinamento. Jesus instiga, no momento das tensões dialógicas, o seu interlocutor ao debate, guiando-o a encontrar a resposta no percurso das palavras do discurso.

Para Sant'Anna (2010), é na Bíblia, especificamente no novo testamento, o contexto em que a parábola se constitui como gênero literário, com todas as suas especificidades, assumindo, por conseguinte, formato mais elucidativo. Kayse (1958 *apud* Sant' Anna, 2010, p. 140) apresenta o seguinte posicionamento:

[...] fala-se de parábolas quando todos os elementos de uma ação, exposta ao leitor, se referem, ao mesmo tempo, a outra série de objetos e processos. A clara compreensão da ação do primeiro plano elucidada, por comparação, sobre a maneira de ser da outra. A rigidez na construção didática. [...] como parábola, num sentido mais restrito, entende-se uma forma literária que, no todo, contém uma comparação. [...] forma literária.

Para tanto, toda parábola consta de dois elementos: o símbolo material e o simbolizado espiritual. (ROHDEN, 1988, p. 16 *apud* SANT'ANNA, 2010, p. 154). Por esse motivo, a parábola serve como um recurso para se adentrar em determinados assuntos que, sem ela, não seria possível, já que se utiliza de metáforas e comparações. Para Sant'anna (2010. p. 163):

[...] a essa modalidade a facilidade de poder ser contada em diálogos interpessoais e em discurso públicos. [...] o ser breve está intimamente ligado a uma das funções da parábola, mais especificamente, a de estabelecer uma estratégia de comunicação, tanto em contextos conversacionais mais íntimos e pessoais, quanto em situações públicas de prédica.

Parafraseando Sant'Anna (2010) quando ressalta sobre as parábolas, diz que o processo de comparação, um ensinamento ético, religioso e moral, existem devido

uma atitude no ensino aprendido, e além do mais, quando é permitida pelo oferecimento de uma narrativa, para tanto à primeira vista desprezível, mas de qualquer maneira atraente e agradável, assim como, a começar por sua própria forma de expressão, seguida pelo seu tema diferenciado.

Nessa perspectiva, as parábolas podem ser utilizadas como recurso didático para trabalharmos alguns dos valores inerentes à pessoa humana, como o amor, o perdão, a gratidão, solidariedade (SILVA, 2008).

Além disso, as parábolas é um texto sagrado para os cristãos e como tal está escrito na Bíblia Sagrada, não só presente na matriz cristã; esta ainda afirma que as parábolas carregam uma riqueza profunda, e apresenta elementos necessários para a formação do cidadão, em especial, aos que estão iniciando a sua trajetória formativa - as crianças.

Além disto, o *conto* e a *parábola* sempre serão bem vindos em uma sala de aula, pois estaremos contribuindo para a sua permanência do estudo dos gêneros literários no âmbito escolar, apresentando ao aluno como é importante estudar os elementos da realidade dentro das narrativas.

Abarcando elementos simbólicos, os quais podem ser visível ou não, dos textos literários tais simbolismo podem ser como o poder/representação de determinado povo sobre/sob uma tradição religiosa, cultura os acontecimentos caracterizados como os rituais e os valores de uma época, os costumes, então, a história de um povo é mesmo que oportuno envolvendo a literatura na escola, como experiência do literário e não confessional. Diríamos, então, como Cosson (2014) o letramento literário é a construção para uma comunidade de leitores.

Dessa forma, é necessário compreender que ao trabalharmos com as atividades no qual engloba a leitura, devemos também nos importar com a produção escrita, gerando no estudante habilidades de linguagem, o que por vez um mundo de sensações com o mundo.

É importante ajudar o jovem a obter maior clareza de mente e sensibilidade. Não devemos, portanto, acomodarmos, por exemplo, num único tipo de análise, mas renovar sempre que possível nossos métodos e instrumentos de trabalho. (GÓES, 2010, p. 57).

Dessa forma, narrar um conto implica, inicialmente, em se apropriar dos seus símbolos, e isto é mais do que importante é essencial. Já para Pereira (2011), as parábolas são uma forma de linguagem – forma de discurso – discurso originalmente oral.

Para tanto, percebemos a importância da leitura de textos literários, para construir na criança, no jovem, no próprio adulto um mundo mais amplo e rico de culturas, tradições e valores diversificados. Para tanto, Pessoa (2014) ressalta que a leitura é a ferramenta sem a qual não se registram os acontecimentos históricos, as descobertas científicas, as grandes paixões e emoções da humanidade. Para ele:

[...] a leitura, certamente, é uma habilidade que todo ser humano deveria ter, porém a relação de muitas pessoas com a leitura não é das mais adequadas. A leitura é algo que está tão presente e é tão habitual em nossas vidas que nem percebemos o quanto ela é importante. (PESSOA, 2014, p. 195).

Para Rodrigues (2004, *apud* Pereira, 2011, p. 12) os gêneros levam a situações típicas da comunicação social. Neste interim, olhamos para os gêneros literários como um material propício ao diálogo sobre o *ethos*. Os *contos* e as *parábolas* trazem consigo um diálogo aberto e plural, uma vez que:

Ao trazermos para a sala de aula histórias de outros povos, não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando a criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para a sua realidade. Perceber como ele se articula para produzir significados para a sua existência, qual o valor que ele atribui às manifestações sociais, como ele se percebe e percebe os outros indivíduos na sua comunidade. (BUSATTO, 2003, p. 38).

Atualmente, precisamos ajudar os alunos a serem ativos na reflexão por meio da leitura literária; [...] é indispensável o contato recíproco e afetivo entre os interlocutores. Nessa relação dialogal, perpassada por laços de afetividade, a vontade de partilhar com o outro transpõe o individualismo monológico, pois aí o diálogo motiva a vontade de compreender a si mesmo. (GONÇALVES, 2009 *apud* Pereira, 2011 p. 5). Exemplo disso são:

Os comportamentos éticos (ethos) se consagram com cristalizações da conduta humana derivadas da experiência mítico-simbólica de um determinado povo e, é claro, sofrem grande influência das questões histórias e experiências geográficas desse mesmo agrupamento. (SCHOLOGL, 2009, p. 117).

Schologl (2009) ressalta que o conhecimento das características, funções e leituras simbólicas constituem uma ferramenta básica para a análise dos diferentes mitos, respeitando a sua particularidade de revelação e mistério, uma vez que os mitos revelam mensagens, permanecendo velado, porém, uma parte de seus sentidos, instigando e encantando as pessoas. Assim também, constituem os olhares para os outros gêneros.

Quanto às diferenças dos gêneros literários, Snodgrass (2010 *apud* Pereira, 2011, p. 44) explica que a discrepância entre os protagonistas acontece porque se apresentam de modo positivo e negativo.

4.3 Como selecionar o gênero literário para a aula de Ensino Religioso?

Neste subitem, apresentar-se-ão possíveis informações de como escolher os gêneros literários, mostramos através do *conto* de Pedro, José e João e a *parábola* O Filho Pródigo para exemplificar, de forma que foram elaborados 3 quadros. O primeiro, para observar a possibilidade da literatura, a unidade temática do Ensino Religioso – e o tipo de discurso e os demais quadros mostram as características dos acontecimentos de ambos os gêneros.

.A construção dos quadros são possibilidades de como se trabalhar a seleção do gênero, servem para visualizar a ligação entre a literatura e o Ensino Religioso, lembra-se então, que pode-se abordar outros gêneros literários, aqui exemplificamos o conto e a parábola por termos encontrado a modalidade discursiva em ambos, aonde podemos trazer o contexto da tradição oral, as histórias antigas, passadas de boca em boca e que foram mantendo os costumes e a cultura de um povo.

Quadro 1 - Quadro construído para observamos a possibilidade da literatura – Ensino Religioso – e o tipo de discurso

Literatura	Ensino Religioso	Modalidade Discursiva
Gênero literário	Eixo temático- PCNER	—
Contos	<i>Ethos</i>	Oralidade
Parábola	<i>Ethos</i>	Oralidade

Fonte: Quadro elaborado por Rozélia Maria

Ao observar o quadro 1, temos o modelo de como nortear a construção de uma possível prática didático-metodológica para a disciplina de Ensino Religioso, no qual é necessário selecionar o gênero, escolher diante da leitura a unidade temática inserida no texto literário e trabalhar a partir da origem, do conceito do gênero o seu discurso.

Quadro 2 - Quadro construído para observamos as especialidades do *Conto Pedro, José e João*;

Texto literário – conto	Especialidades do conto
1º ato – na introdução	Um velho (pai), três filhos, um cachorro, uma espada e um pé de pau.
2º ato – no desenvolvimento	Narra à história dos filhos que resolve desapegar do pai, levando consigo o dinheiro de herança, porém acabam caindo em uma armadilha da feiticeira que encontram no caminho, porém, apenas um dos filhos conseguiu salvar os outros irmãos do mau, pois consentiu a benção do pai, no qual é mais importante que a maldição (dinheiro).
3º ato – na conclusão	O irmão que salvou os demais se dar bem, pois sua escolha inicialmente tomada o fez ser reconhecido por bravura e coragem de ter derrotado a feiticeira.

Fonte: Quadro elaborado por Rozélia Maria.³

Quadro 3 - Quadro construído para observarmos as especialidades da *Parábola O Filho Pródigo*;

Texto literário – parábola	Especialidades do parábola
1º ato – na introdução	Certo homem, pai de dois filhos.
2º ato – no desenvolvimento	O filho mais novo sai de casa, como sua parte da herança e acaba perdendo tudo; enquanto o outro filho fica com o pai e o ajuda com trabalho.
3º ato – na conclusão	O pai esperançoso pela volta do filho que havia se perdido festeja o seu retorno. E o outro filho não fica feliz no comportamento do pai ao fazer a festa para o irmão mais novo, no qual gastou tudo o que ganhou e ele que dedicou a vida ao trabalho com o pai nunca ganhou algo como o irmão.

Fonte: Quadro elaborado por Rozélia Maria.⁴

É possível perceber que as características de ambos os gêneros literários são mantidas, pois os dois trazem uma apresentação, desenvolvimento, clímax e desfecho. Apesar de o conto ser mais longo que a parábola, ambos trazem elementos simbólicos e de valores com a vida.

A família aparece sempre em relação há um pai e seus filhos; e ambos os textos literários resgatam o valor a ser dado ao outro através do amor, do reconhecimento, do perdão, da gratidão e da solidariedade, o que por vezes falta à sociedade, ou até mesmo as crianças no qual ouvirão e refletirão através da narrativa ora trabalhada em sala, as metáforas e comparações realizadas entre os textos.

3

<https://books.google.com.br/books?id=2iUgBQAAQBAJ&pg=PT38&lpg=PT38&dq=conto+pedro,+jos%C3%A9+e+jo%C3%A3o+de+camara+cascudo> . Acesso em: 17/04/2018

4

<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Lucas+15%3A1132&version=ARC> . Acesso em: 17/04/2018

O contraste existente de personagens positivos (o filho trabalhador e o pai acolhedor) e negativos (o filho pródigo) enriquece o discurso, pois trata a relação familiar a partir da diversidade comportamental. (PEREIRA, 2011, p. 44).

Encontraremos no conto e na parábola, uma perspectiva de escolha para apoio pedagógico e reflexão de textos literários para ser levados para a sala de aula de Ensino Religioso, assim como trabalharmos nas aulas; o dialogar entre os gêneros literários fará com que encontremos aspectos/ elementos semelhantes e diferentes com a cultura e costumes diversos, como também o sentido dos elementos simbólicos dentro dos textos literários. E juntamente com a literatura a disciplina de Ensino Religioso pode ser expressa, nas salas de aulas como fonte de saber através do letramento literário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre contos e parábolas em estudo mostrou-nos que existem possibilidades de se abordar a literatura nas aulas de Ensino Religioso – ER, sem, necessário, trabalhar as religiões com seus dogmatismos de fé ou crenças. Podemos sim, levar à sala de aula, textos literários que nos oferecem diversas condições de se trabalhar as unidades temáticas ER, a partir de leituras e suas interpretações.

A partir da compreensão das unidades temáticas e as características, as quais carregam, é nítido ao professor da área a abertura de um diálogo plural, não proselitista, podendo abranger estudos diversos no campo de estudo das Ciências da Religião.

Assim, tem-se a buscar que seu papel enquanto literatura é uma maneira de se construir conhecimentos e está aberto ao diálogo, reconhecendo nos textos/gêneros literários suas riquezas culturais, sejam elas, tradições e costumes, nas quais suas ações didático metodológicas enquanto professor esteja embasada numa formação leitora consistente.

Debruçamo-nos um olhar reflexivo ao eixo do *ethos*, pois, seu conteúdo aborda a alteridade e valores humanos e em ambos os gêneros literários (*o conto e a parábola*). Captamos a possibilidade de dialogar e refletir sobre a narrativa (texto

literário) e o aspecto social (realidade vivenciada pelo aluno na instituição escolar e comunidade).

Enquanto que, a literatura encanta, desencanta, constrói e reconstrói habilidades do ver e ouvir histórias (leitura literária), torna-se um possível apoio pedagógico para as aulas de ER, além disso, incentivar a formação de leitores mantendo o respeito diante do diferente/*outro* (*alteridade*).

A leitura do conto e da parábola propicia um momento de prazer e reflexão, evidenciando que são narrativas curtas e apresentam em sua estruturação uma forma literária atrativa vinculadas em histórias verdadeiras, cuja tradição e costume de um povo são mostrados através da oralidade e passado de povo em povo, essa importância de manter os valores dos contos e das parábolas como leitura literária justifica-se pelo cenário, no qual precisamos incentivar a formação de leitores, possibilitando ao aluno uma perspectiva mais crítica e reflexiva da leitura com o contexto social.

Ambos os gêneros literários oportunizam o conhecimento de tempos passados, sejam eles, os personagens, os espaços ou contextos que narram à história, mas também não distancia da realidade hoje, pois como mencionado no estudo deste artigo é possível encontramos nos textos ensinamentos da gratidão, solidariedade, amor e outros sentimentos e atitudes, pelo qual ensinam a respeitar e conviver com o outro e esses ensinamentos podem ser descobertos ao inserir nas aulas de ER o letramento literário.

O uso do gênero literário em sala de aula faz com que os alunos se interessem melhor pela leitura e pelas aulas de Ensino Religioso, proporcionando um mundo mais lúdico e interessante de conhecer e conviver com a diferença do outro, respeitando a diversidade cultural e religiosa. O docente pode dialogar com diferentes gêneros a partir de uma relação existente entre eles no seu conteúdo, identificando seus elementos pela qual religa os saberes da religião com a literatura.

O tratamento didático dedicado à junção estratégica do Ensino Religioso e Letramento Literário, configuram formas de subsidiar a prática docente que possa criar oportunidades e abertura ao mundo da leitura literária para o aluno, e ao mesmo

tempo, fazê-lo entender a diversidade social e religiosa que influenciam nossa linguagem e sociedade.

É preciso (re) afirmar a importância de leituras com os gêneros literários nas aulas de Ensino Religioso na formação do aluno leitor ou a se tornar leitor. Compreendemos o trabalho com a leitura literária através dos *contos* e da *parábola* capaz de transformar tal posicionamento de que não há material para se trabalhar na disciplina.

O conto e a parábola como gêneros literários, neste trabalho têm um resultado positivo, porque através de sua linguagem promove relação com as Ciências da Religião evidenciando um diálogo plural, fazendo uma relação do fenômeno religioso e sua dimensão com o transcendente.

Portanto, acreditamos que a literatura é um instrumento de formação leitora para discentes e docentes das Ciências da Religião, pois prepara-nos numa dimensão de dialogar e refletir com os valores humanos e na perspectiva de motivar e interagir nas aulas de ensino fundamental ao trabalhar com os gêneros literários.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BASE COMUM CURRICULAR (BNCC) – Ensino Religioso. 2018.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. **Ensino Religioso de agora**: algumas reflexões para um currículo contemporâneo. In: POZZER, Adecir; PALHETA, Francisco; PIOVEZANA, Leonel; HOLMES, Maria José Torres. Ensino Religioso na Educação Básica: fundamentos epistemológicos e curriculares. Florianópolis: Saberes em Diálogo, 2015, p. 221-234.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 3ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura para Crianças e Jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010.

LUIZ, Fernando Texeira; FERRO, Marcela Coladello. **Tamanho não é documento:** teoria, crítica e propostas de atividades com narrativas curtas. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. *Leitura literária na escola: Reflexões e Propostas na perspectiva do letramento.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 123-144.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 19ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PEREIRA, Sunamita Araújo. **A parábola bíblica como uma das possibilidades de ensino nas aulas de Ensino Religioso.** Monografia apresentada ao curso de Especialização em Ciências da Religião/UERN. Natal, 2011.

PESSOA, Rodrigo Luiz Silva. **Leitura viva.** In: BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; NORONHA, Claudianny Amorim. *Linguagens e práticas escolares: leitura, literatura e escrita.* Natal: EDUFRN, 2014.195-210.

SANT'ANNA, Marcos Antônio Domingues. **O gênero parábola.** São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

SCHLOGL, Emerli. **Ensino Religioso:** perspectivas para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. Curitiba: Ibpex, 2009.

SOUZA, Louize Gabriela Silva de. **Mia Couto para uma pedagogia da doce ira.** Natal:EDUFRN,2015.

TORRES, Maria Augusta de Sousa. **Ensino Religioso e Literatura:** Um diálogo a partir do poema Morte e Vida Severina. Recife: FASA, 2012.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia:** Ponto e Contraponto. 2ª. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB-Associação de Leitura do Brasil, 2008.